

O MAGO MUSTAFÁ: UMA CRIAÇÃO COLABORATIVA NA ESCOLA

NICOLE PIRES GONZALES¹; BARBARA CRUZ NUNES²; MARINA DE OLIVEIRA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – nicolegonzales930@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – barbaracnunes724@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como objetivo apresentar a experiência desenvolvida na vertente extensionista do projeto LADRA - Laboratório de Dramaturgia da UFPel, coordenado pela prof. Marina de Oliveira, com a produção *O Mago Mustafá*. A esquete foi dirigida pelas professoras em formação Barbara Cruz Nunes, Marina de Lima Lopes e Nicole Pires Gonzales, graduandas do curso de Teatro-Licenciatura, através da parceria do LADRA com o Colégio Municipal Pelotense. Como mediador da experiência entre as instituições, conta-se com a presença do professor da escola pública Joaquim Lucas Dias dos Santos. A ação contempla alunos do Colégio Pelotense que estejam entre o nono ano do Ensino Fundamental e terceiro ano do Ensino Médio.

O Mago Mustafá foi apresentado no auditório externo do Colégio Municipal Pelotense no dia 06 de dezembro de 2023, sendo construído via processo colaborativo por um grupo composto de nove alunos, dentro da ação “Teatro dos Gatos Pelados no Pelotense”. Na plateia estavam alunos e pessoas do ciclo familiar dos alunos-atores.

O foco da escrita se deu via processo colaborativo, que é uma ferramenta potente na construção de dramaturgia teatral, pois fortalece o grupo e contribui para a independência criativa dos envolvidos. Como referência, utilizou-se os estudos de Stela Fischer (2010) sobre as companhias teatrais que se consolidaram no Brasil através da ferramenta do processo colaborativo, Antônio Araújo (2015) que defende a via colaborativa como um modo de criação e Viola Spolin (2008) com a preparação para o trabalho de cena.

2. METODOLOGIA

Os encontros aconteceram no Colégio Municipal Pelotense, nas sextas-feiras das 15h às 17h. O início do processo desenvolveu-se a partir de jogos e técnicas teatrais que vão enriquecendo o repertório teatral dos alunos; entre elas, as atividades sistematizadas por Viola Spolin (2008) no livro *Jogos teatrais: o fichário Viola Spolin*. A vivência desses jogos aprimorou a consciência vocal, corporal, a estruturação de cena e os cuidados básicos que os atores devem ter com quem compartilham o palco e o improviso. A partir destes fundamentos da linguagem teatral, oferecidos aos envolvidos no processo, estabeleceu-se uma autonomia e confiança para os discentes, o que permitiu a construção colaborativa da dramaturgia denominada pelos próprios como *O Mago Mustafá*.

Inicialmente, a turma foi separada em dois grupos e duas propostas dramatúrgicas foram lançadas: *A Cartomante* (1995), uma adaptação do conto de

Machado de Assis, e *Ano novo, vida nova* (2013) da escritora Vera Karam. Na semana seguinte, a turma que trabalharia com o texto de Vera Karam abordou as professoras Barbara Cruz Nunes, Marina de Lima Lopes e Nicole Pires Gonzales com uma nova proposta de esquete, escrita por eles. Após a apresentação dessa cena de maneira improvisada, identificamos o engajamento e a vontade de contar a história; o que nos deixou nítido que seria impossível recusar a proposta dos alunos.



Fig. 1 e 2 - Os alunos no debate após a improvisação de *Ano novo, vida nova*. Foto tirada durante a apresentação de *O mago Mustafá*.

Após a definição da dramaturgia construída via processo colaborativo começamos o trabalho de polimento da cena no palco a partir da visão de fora das professoras. Este movimento é importante, tendo em vista que o diretor é o primeiro espectador da obra e pode ajudar a guiar o grupo para um caminho que seja esteticamente agradável aos olhos de quem vê, ou seja, o público. Mesmo quando pensamos em processo colaborativo, ainda que inicialmente venha a ideia equivocada de “falta de comando”, Stela Fischer (2010) destaca em seu livro *O processo colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras* a experiência do grupo *Teatro da Vertigem*, que trabalha com o conceito de “encenador colaborativo”, aquele que carrega o papel de dirigir o espetáculo, mas que não impede que o grupo esteja ativo na construção desta narrativa:

O coletivo é delineado por uma constelação de individualidades que se completam. Para tanto, é necessário integralização, solidariedade e troca, para que o coletivo se realize em uma plethora criativa. As inter-relações propiciam diferentes fluxos criativos e forças geradoras para a produção em grupo. (FISCHER, 2010, p. 125).

O diretor do grupo, Antônio Araújo (2015) em seu artigo *O processo colaborativo como modo de criação* contribui com essa discussão, afirmando que as ações que visam ao trabalho de tomada de decisão coletiva têm um regime flexível, por exemplo, os atores estabelecem um jogo cênico inicial, o diretor, após isso, seleciona e produz uma nova partitura a partir do que foi apresentado. Em seguida, os atores são livres para reconfigurar aquilo que viram se for da sua vontade, mas ainda assim respeitando as decisões tomadas pelo encenador.

De acordo com os discentes envolvidos na produção, a história da esquete surgiu em um momento de descontração do grupo; e durante aproximadamente os dez encontros de lapidação da cena, fomos organizando as ideias para o espaço cênico. Não foi preciso um direcionamento das professoras sobre a divisão dos personagens, pois os próprios alunos-atores colocaram-se da forma como gostariam. Dessa maneira, o processo foi harmônico, tendo em vista que os alunos estavam presentes do início ao fim do espetáculo.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A produção cênica, composta pelas esquetes *A cartomante* e *O Mago Mustafá*, foi apresentada em uma sessão única para cerca de sessenta pessoas no auditório externo do Colégio Municipal Pelotense, no turno da manhã, através de convites para a apresentação.

A dramaturgia de *O Mago Mustafá* girou em torno da temática antiga da realeza e magos poderosos. A peça contou com os seguintes personagens: um rei, uma rainha, um guarda, um camponês, uma serva, o príncipe, a princesa e o ‘mago’. A história gira em torno da trajetória de um homem que levava uma vida difícil, até que em um determinado dia ele encontra uma capa (que antes pertencia ao próprio rei). Na intenção de mudar de vida, ele começa a tramar um plano de convencer aos outros aldeões que ele não é um qualquer, mas sim um grande mago poderoso. Durante as suas maracutaias, coincidências acontecem para confirmar a história do poder desse mago, até que ele se vê diante das figuras poderosas do reino que o obrigam a fazer uma poção do amor, para que a princesa se apaixone pelo príncipe que ela recusa devido a uma paixão por um camponês do reino. Sem êxito em concluir a poção, o mago participa de um desafio proposto pelo príncipe: aquele que conseguisse mover uma pesada carroça sozinho, ganharia a mão da princesa em casamento. O príncipe e o camponês tentam, mas sem sucesso. Durante a tentativa do mago, curiosamente dois trabalhadores recebiam o chamado para mover o objeto e, por sorte, a carroça se move quando o mago a empurra. Todos ficam muito surpresos, e dessa forma ele consegue finalmente o reconhecimento da comunidade e o matrimônio com a princesa.



Fig. 3 e 4 - Foto tirada das professoras Barbara Cruz Nunes, Marina Lima e Nicole Pires Gonzales; fotografia do grupo completo da apresentação com os professores envolvidos.

Os figurinos vieram do acervo que o próprio grupo Teatro dos Gatos Pelados possui, que é de livre acesso aos alunos e professores do projeto. Alguns espaços cênicos, como as salas e jardim do castelo, uma rua do reino, um bar e um laboratório, foram instaurados a partir da corporeidade dos atores e alguns objetos, como flores, copos, mesas e uma carroça construída pelos discentes com uma estrutura base de andaime e rodas que deixavam possíveis as movimentações durante a troca de cena. As entradas e saídas dos cenários se davam pelos próprios alunos, com a ajuda das diretoras para elaborar as justificativas de transição dos espaços. Além disso, contamos com um recurso mínimo de luz para dar uma impressão para a plateia de troca neutra entre as cenas.

4. CONSIDERAÇÕES

A experiência relatada evidencia a grandiosidade do fazer teatral via processo colaborativo dentro de uma instituição escolar. Dessa forma, o projeto LADRA mostra a sua importância no Colégio Municipal Pelotense, pois vem desenvolvendo os alunos-atores em vários aspectos. É notória a evolução dos participantes no que tange à comunicação, à criatividade, à autonomia, à percepção de si e do outro e ao trabalho em grupo, além do desenvolvimento corporal, vocal e artístico.

A ação Teatro dos Gatos Pelados no Pelotense, ao longo de sua jornada de dois anos, vem promovendo trabalhos cênicos à comunidade, de dentro e de fora do ambiente escolar, com o objetivo de fomentar a arte do fazer teatral na escola, a fim de promover a cultura local. Além disso, é satisfatório ver a realização dos discentes e dos seus amigos e familiares em realizar ou assistir as atividades propostas pelo grupo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Antônio. O processo colaborativo como modo de criação. **Olhares**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 48-51, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.59418/olhares.v1i1.8>. Acesso em: 13 set. 2024.

ASSIS, Machado. **A cartomante e outros contos**. São Paulo: Moderna, 1995.

FISCHER, Stela. **O processo colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras**. 1 Edição. São Paulo: Hucitec, 2010.

KARAM, Vera. **Ano Novo, Vida Nova**. In: KARAM, Vera. Vera Karam: obra reunida. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2013.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais**: o fichário Viola Spolin. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.